



N.º 101 — LISBOA, 15 DE DEZEMBRO

2.º ANO 1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 200 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

POR AMOR DA ARTE



O PUBLICO — Vossês são os meus peccados!

O TENOR

Eis aqui a abertura de S. Carlos e eis aqui — o Tenor.

Já se pensou alguma vez até que ponto o tenor é uma das maiores supertições dos nossos tempos?

E' costume incluir os tenores na categoria aristocratica e intellectual dos artistas; mas nós perguntamos o que tem de commum um tenor com um artista?

O artista é a natureza artistica. Cultivar uma arte não é ser um artista. Ser artista é nascer artista. Frascuelo, o toureiro, parece ter dito um dia: *El torero no se hace: nace*, e Brillat Savarin dizia por sua vez: *On nait rôtisseur*, o que Ramalho Ortigão traduziu maravilhosamente: «Toda a gente sabe cozinhar, mas o segredo do assado é um dote da natureza.»

A aptidão da arte, como a do assado, é um dote da natureza.

Qual é a aptidão nativa do tenor? A voz?

Mas a voz não é uma aptidão. A voz é um prediccado organico, commum a todos, excepto aos mudos, que são casos omissos da natureza. A voz existe com o homem.

A voz do tenor é apenas a voz humana transportada dos usos normaes da vida para o theatro.

Ha, porem, tenores com um maior ou menor volume e extensão de voz.

Ainda n'este caso a voz dos tenores não é um privilegio, como não é um privilegio a musculatura dos atletas. A sua voz adquire volume e adquire extensão pela gymnastica a que a submettem, como pela gymnastica adquire desenvolvimento o tecido muscular dos individuos que fazem exercicios de força. Ninguem ignora que a função faz o orgão.

Secundam os tenores a função mechanica da voz por algum laborioso esforço da intelligencia, e podem ser por este motivo incluídos na categoria superior dos artistas?

Nós sustentamos que não. O tenor complica-se de um actor, e não ha peiores actores do que os tenores.

E como seriam elles bons actores? Representar é dar a illusão da vida. E' porventura a vida uma opera?

Ao contrario, o canto é a mais desconchavada convenção scenica. Ainda poderemos tomar a serio arvores de lona, ceus de papel e trovoadas de lata. Este scenario absurdo pôde muitas vezes acompanhar successos verosímeis e logicos. Na varanda pintada de Julieta não deixa de estar uma mulher falando d'amor.

Que verosimilhança, que logica existem na illusão scenica do canto

lyrico?

Como theatro, o theatro lyrico é insophismavel.

Representar não é cantar. Cantar não é representar.

Representar é imitar a vida, com independencia e variedade. Cantar é fazer musica. O actor é autonomo. O cantor é escravo. O actor é um individuo. O cantor é um instrumento. Um tenor não tem mais individualidade do que um cornetim. Por muito que procure representar, não representa nunca. Pôde cantar bem, mas em circumstancia alguma representará bem. O compasso não lh'o permite.

O que fica ao tenor, que lhe permitta condecorar-se com o titulo de nobreza da arte? — A technica?

Nem mesmo a technica.

Com effeito, está averiguado que a maior parte dos tenores não sabem musica.

Quantos longos annos de applicação reclama a posse absoluta de um instrumento? Liszt, já velho, ainda não suppunha conhecer absolutamente o piano. O violino de Paganini não lhe desvendou por certo todos os seus segredos. O tenor possui a voz, simplesmente com o emitit-a. O que para todos os artistas é predisposição, gosto, applicação, tirocinio, cultura, n'elle é apenas esta coisa organica, mechanica, material, passiva — voz. O mais celebre tenor dos ultimos tempos, Tamagno, nada mais tinha.

No entanto, este artista que não o é nem por temperamento, nem por educação, que sendo um actor não é um actor, e sendo um musico não é um musico, é a mais despoticca soberania artistica da actualidade.

O artista de theatro, mais do que qualquer outro, é de um custeio dispendioso. O tenor é uma ruina. Depois do tenor só se conhece uma magestade contemporanea tão dispendiosa — a cocotte. O tenor é uma contribuição de guerra. Pagar o tenor é uma das mais predilectas funções da sociedade moderna. Como o personagem do *Mandarin* ao entrar na vida fabulosa, ao entrar na scena o tenor vem enchumagado de cheques sobre Rothschild.

A outra função moderna consiste em applaudil-o.

A curiosidade artistica não é propria senão de um certo numero de individuos. Quantos se removem para assistir a um concerto? A musica é de uma elite. Para ouvir o tenor remove-se toda a gente. Paga-se para simplesmente ouvir o *Spirito gentil* o que não se daria por uma obra d'arte. Por sua causa, os homens vestem uma casaca e arvoram uma flôr na botocira: as mulheres dectam-se. Dão-se encontrões, Desencadeiam-se paixões. Não vae longe o

tempo em que os tenores dividiam mais profundamente a sociedade de Lisboa do que os partidos politicos. Por causa de um — o Fancelli, que cantava aconchegando com vehemencia o umbigo, S. Carlos trocou bengaladas.

Até que ponto elles justificam um tão longo poderio e uma tão vasta influenceia, já o vimos.

O tenor é uma telha social. Não se comprehende um tão exaggerado favor a beneficio de personalidade tão pouco fecunda e tão pouco util senão em virtude de um preconceito.

Diz-se que o seculo dezenove foi o seculo das luzes. O seculo dezenove foi o seculo dos tenores. Nós recebemos d'elle, além da revolução por fazer e de tan os problemas gaguejados e por exprimir, esta superstição — o tenor, com a sua voz inhumana, o seu livro de cheques e o seu casco de pelles.

JOÃO RIMANSO.



Os brilhantes verdadeiros e os brilhantes falsos, ou — a Verdade e a Illusão.

Em vista da reclame feita nos jornaes aos brilhantes falsos, os negociantes de brilhantes verdadeiros entenderam opportuno apresentar tambem as suas razões.

Assim, diz um d'elles:

«O brilhante é uma pedra que a industria nunca conseguiu imitar de uma maneira satisfatoria. Todas as imitações d'elle apresentadas sob diversos nomes, são feitas de vidro, e seu brilho, duração e valor são ephemericos, pois que o seu custo em todos os fabricantes é de 200 a 300 rs. o cepto. Os brilhantes verdadeiros são os unicos, portanto, que devem usar as pessoas de bom tom.»

Do theor d'este aviso deprehendese que os negociantes de brilhantes verdadeiros estão até certo ponto alarmados com a concorrência dos brilhantes falsos.

A nosso ver, porem, sem razão.

Os brilhantes falsos não disputam o mercado aos brilhantes verdadeiros, porque cada um tem o seu.

Os clientes dos brilhantes falsos são os clientes da Illusão, para os quaes o brilhante verdadeiro, isto é, a Verdade — é cara.

Os brilhantes falsos não substituem os brilhantes verdadeiros, como o Sono não substitue a Vida. O brilhante verdadeiro é um passaro na mão: o brilhante falso são dois a voar.

O AMOR LIVRE EM HESPANHA

A Hespanha é talvez a nação mais contraditória de toda a Europa e onde não só os homens, mas os factos mais brigam.

A Hespanha é, com effeito, o Estado mais tradicionalista da Europa e é, ao mesmo tempo, o mais tumultuoso centro de idéas de progresso. E' monarchico como sob Filippé II, e é, ao mesmo tempo, republicano, socialista, anarchista. E' catholico, como no tempo de Fernando e Isabel e é livre pensador e atheu. E' conservador e é radical. E' ultramontano e é liberal. E' reaccionario e é revolucionario. Tem duas cabeças: uma que pensa pelo passado, outra que pensa pelo futuro. Tem duas faces: uma que olha para diante, outra que olha para traz.

A Hespanha é o Estado mais archaico da Europa, e é, ao mesmo tempo, o que mais desconcerta, surprehe e assusta pelas suas impacientes aspirações de progresso. A sua monarchia liberal, é, em toda a Europa, a que mantem com mais rigor historico as tradições exteriores do velho regimen. Se Velasquez reaparecesse, encontraria a côrte de Hespanha, tal como a deixou a sua ultima pinclada. Mas de vez em quando a Europa estremece. O que é?—E' o sub-solo da Hespanha minado pela dinamite dos progressistas.

A Hespanha é um feudo da Igreja catholica. Deus é hespanhol. Ali se acolhem ainda o fanatismo catholico, a intolerancia, o monachismo, o mysticismo, conventos, frades, freiras, beatos, beatas. Mas ali, ao mesmo tempo, se scoitam e rugem todos os odios e todas as furias hereticas do atheismo. A Hespanha catholica é hoje talvez o unico paiz do mundo onde se lapidam imagens religiosas.

Em toda a parte o espirito religioso se torna cada vez mais abstracto e cada vez mais recua para o dominio interior das consciencias. Em Hespanha esse espirito chama-se ainda espirito de seita, bate-se, derrama sangue. Em toda a parte tambem o espirito livre cada vez é menos combativo e cada vez é mais discursivo. Mesmo os Estados progressivos, que, como a França, se emancipam resolutamente da tutela official da religião, cessaram de combater. A separação da Igreja do Estado não foi um conflicto. Em Hespanha, o livre pensamento é uma causa social de discordia e anda armado com um revolver. Quando os catholicos hespanhoes saem para a rua, os não-catholicos saem tambem e proclama-se—o estado de sitio.

Desta contradicção de idéas e factos, o mais recente exemplo é o comicio de propaganda do amor-livre,

effectuado, segunda-feira ultima, em Madrid.

O amor-livre é uma vaga aspiração dos homens e não sabemos se das mulheres, excessivamente tuteladas pelas servidões da instituição do matrimonio. Está ella definida, essa aspiração? Ai de nós! Nenhuma das nossas aspirações o está. O amor livre está ainda—para que assim o digamos—no estado de chimera, como outras tantas formas da liberdade humana. Mas esta aspiração, mesmo chimerica, não existe, no estado de problema e de controversia, senão no seio das sociedades muito vivazes, como a sociedade franceza, por exemplo, onde o amor-livre está já em parte nas leis, pelo divorcio, e onde está nos costumes.

Na sociedade hespanhola, esta aspiração, trazida já para a praça publica, profundamente espanta.

Com effeito, a Hespanha sacerdotal e catholica não poderia ter admitido, como não o admitiu ainda, o divorcio, e por outro lado os seus costumes são pautados pelo mesmo severo dogmatismo que inspira as suas leis. Amor-livre em Hespanha não é mesmo uma aspiração: é uma expressão heretica.

Pois lá a temos.

A Hespanha é ao mesmo tempo o dogma e o schisma.

Não ha, como esta, outra nação na Europa. A Hespanha é uma noite cheia de clarões.



Paparoca

O que saiu do convento,
Pelos modos, no Estoril,
Deu um jantar succulento
A' sua tropa gentil.
Se veiu á meza caril,
Isso não posso eu dizer...
Mas, cá no meu entender,
Pequeno cuidado inspira
A desgraça que não tira
A vontade de comer!

Que todos comessem bem
E bebessem do abafado!...
Pois, se eu fosse convidado,
Fazia o mesmo tambem...
Mas, como sou *Jan Nin-neu*,
Que não vota, por signal,
Vim dos sitios do Ginjal;
E, ao depois, dando ás canellas,
Fui comer iscas com ellas
No *restaurant* do Arsenal.



Rua da Inglaterra

Telegrapham de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro* que ha idéa de dar o nome de *rua da Inglaterra* a uma das principaes ruas da Baixa.

Dar uma rua á Inglaterra não é dar muito, mormente se tivermos em vista que lhe temos dado muito mais.
Que nunca a Inglaterra nos saia mais cara.

O Jogo

Falemos com desafogo,
Dôa lá a quem doer,
Fidalgoite ou demagogo;
Neste mundo anda-se em jogo
Desde o nascer ao morrer,

Nasce a creança; depois cresce;
Tem que estudar a lição;
Mas, como esta lhe aborrece,
Da escola desaparece
E vai jogar o botão.

Cresce mais; chega a granjola;
A's vezes muito guapo;
Dá-lhe para mariola
E desafia os da escola
Para jogar o sopapo.

Mais tarde, sente-se em braza,
Julga-se figo maduro;
A's bellas arrasta a aza;
Faz-se destemido; casa,
E joga alli o futuro.

Se o pae lhe deixou estilha,
Quer ver se milhões emboisa;
Estuda certa cartilha,
Faz-se gajão de preijilha
E põe-se a jogar na bolsa.

N'aquelle jogo judeu,
Desenfreado como os pótrois
A quem o céo patas deu,
Para augmentar o que é seu
Joga a fortuna dos outros.

Se lhe dá para senhor
Ministro, que á luz burra
Albarda nova quer pôr,
Na falta d'outro melhor
Entra no jogo do empurra.

Até reis, nada pequenos,
Ouro gastando ás mãos cheias
Em guerras, mais que venenos,
Pra conquistarem terrenos
Jogam co'as vidas alheias!

O mundo é jogo sem marca
D'esta ou d'aquella bitolla;
Contra esta lei ninguém arca...
Mas é sempre a negra Parca
Quem faz a última bola.

SIMPLICIO.



OS ELECTRICOS NO CHIADO

Pela leitura de um certo numero de jornaes tivémos a impressão de que o Chiado em peso se pronunciava pela passagem dos electricos por aquella rua illustre e já — feis á tradição que manda aos jornaes secundar os movimentos da opinião — nos preparavamos para juntar o nosso protesto aos do Chiado, quando lemos no *Dia* que esses protestos não são unanimes e que, a par dos que não querem os electricos, devamos ter em conta aquelles a quem a visinhança dos electricos é perfeitamente indifferente.

O resumo da questão feito pelo *Dia* é tão documentado e explicito que não

O Macaco CONSUL, ou o futuro da nossa especie



A chegada a Lisboa de um macaco, vindo no «Sud-Express», e que, segundo os jornaes, se hospedou no «Avenida Palace», humilha-nos e assusta-nos no mais alto gráo. E' talvez o fim da lenda do homem, e é talvez o fim do seu Reinado. Treme-nos a mão ao reconstituir um estado social em que o macaco fosse o homem, e em que nós fossemos — o macaco.

resistimos a transcrever-o para aqui, como um novo capitulo á historia dos electricos em Lisboa, á qual poderiamos dar o seguinte titulo — *A electricidade no seculo XX — Seu martyrologio e seu triumpho.*

O resumo do *Dia* é como segue :

«Assim é que a livraria Bertrand pela voz de José Bastos, que é enérgico e intelligente propagandista, não quer electricos, mas o seu vizinho livreiro M. Gomes guarda sobre o caso o prudente silencio de Conrauo.

Nas modas a unidade não é mais perfeita. Os srs. Quaresma, Chamusca e Libanio Martins não querem os electricos, e os seus votos tem importancia e devem ser ponderados. Mas o sr. Ramiro Leão, os srs. Sousa & Monteiro, os srs. Castro & Almeida, que também são chefes de grandes estabelecimentos de modas, a cujas portas param as carruagens aristocraticas que os electricos, segundo se diz, poderiam prejudicar, não figuram entre os reclamantes. A *Bera Diamond*, com os seus bellos diamantes falsos, associa-se ao protesto. Os joalheiros da Côrde srs. Leitão & Irmãos, com os seus não menos bellos brilhantes verdadeiros, não se inscrevem entre os manifestantes. Os srs. Jeronymo Martins & C., que representam já uma dynastia honrosamente mantida atravez de dois seculos, estão na primeira ala dos combatentes; mas a fronteira casa José Alexandre, que também reclama inscripção honrosa na heraldica do velho Chiado, não deu a sua adhesão ao movimento.

A *Chapelaria da Moda*, do sr. Alves Costa, e a do sr. Miguel de Lacerda não se associaram ao protesto, mas a sapatarias do sr. Alves Caetano e a do sr. Coimbra tomam parte n'elle. Nas *luvarias* não é menor o dissentimento: é protestante o sr. Adolpho Maibouisson, mas não os srs. Costa & Sousa. A pastelaria Marques alista-se contra os infelizes: mas o sr. Casimiro Bénard, que também cultiva as mesmas bellas artes, não pertence á cruzada. A casa das *Novidades* do sr. João Cardoso, oppõe-se n'outro campo a *Paris Londres*, com a opinião não menos illustrada do sr. Madureira. O sr. Magiolo diz que não, o sr. Barella parece dizer que sim. A camisaria do sr. Antonio Carneiro está na campanha; outras do mesmo commercio não sentiram taes fremitos de combate.

A casa *Havanesa*, dá *hurrahs* pelo projecto, que alli está exposto, a *Tabacaria Americana* forma baterias contra elle, sem encontrar alliança na *Estrella Polar*, que não scintilla no campo inimigo dos electricos.

E enquanto Godefroy, o patriarcha dos cabelleiros, nosso respeitavel visinho, defende, como era d'esperar, a filialga tradição do Chiado só para equipagens de luxo, os srs. Campos & Costa que também tem tido a honra de cortar o cabelo á corte e de barbear principes de sangue, não associam a sua firma ao movimento de revolta.»

N'estes termos não nos vemos forçados a acompanhar o movimento do Chiado, a não ser que tomassemos partido, o que não está no nosso programma.



Espanto do Zé

Espera... agora eu reparo:
Ninguém fala no Beirão,
No Alpoim... e também não
No Franco que foi a Faro!...
Já ninguém acha o pão caro,
Calou a bôcca a hortaliça,
O Dias não se esganica...
E parece assim a modo,
Que aquelle barulho todo
Caiu nas mãos da preguiça!!!



A semana passada e ainda esta, no D. Amelia, uma visão do *Scala* e do *Eldorado*, menos os *bocks*, as *cerises* e o fumo dos cigarros.

Havia muitos annos já que a Lisboa que não viaja estava privada dos *caffés-concertos*. O visconde de S. Luiz de Braga deu-lhe esta illusão, com Polin e Paulette Darty, *dans leurs créations*.

Polin não é um cantor de canções. — E' uma philosophia.

E' a reacção do espirito francez contra o espirito militar.

Esta reacção toma os aspectos mais maliciosos e faz rir de todos os symbolos militares.

Esse riso é a sua obra. Na plateia do D. Amelia não tem effeito social. Na França tem esse effeito.

Paulette Darty é outra coisa. E' a valsa sentimental, a valsa confidencia, a valsa declaração d'amor. Para Lisboa foi uma novidade. Esperemos que, d'ora avante, se ame a dois tempos.

Uma companhia de *vaudeville* constituida de espertos actores e lindas e elegantes atrizes completou estes espectaculos de um sabor tão parisiense e a que só faltou, á saída, na rua do Thesouro Velho, a illusão magnifica do *boulevard* Sebastopol.



Soneto obrigado ás rimas

Deputado quiz ser, pae de larachas,
Que não tem o valor de tres ameixas;
Inchou com seus discursos as bochechas
De vinho eleitoral gastou bôrrachas!

Comprou quarenta kilos de bolachas
Deitou a cem carneiros as fatchas;
E a quatro regedores, dos *lamechas*,
Em lingua bunda fez promessas machas!

Confiado nos seus processos *bruxos*,
Para salvar a patria de *rabichos*
Daria, tendo-o, o *bago* dos *Cartuxos*!...

Mas mijou-lhe a *macaca* nos *caprichos*;
Passou de salmonetes a *caxuxos*...
E vive de vender queijo com *bichos*!

GILBERTO.



GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Se desejas, ó morena,
Que ninguém te arraste a aza,
Quando saires á rua
Deixa teus olhos em casa.

GLOSA

Dona de olinhos galantes,
Dizes mal da tua vida
Quando te vês perseguida
Por não sei quantos amantes:
Olha que ha razões bastantes
Pra se dar tão bella scena;
Mais tentadora pequena
Não ha n'estes arredores...
Serás rainha, de amores,
Se desejas, ó morena.

Quando tu vaes ao sermão
Todo atraz de ti caminha,
Quando mostras a miosinha
Todos pedem beija mão:
Quem corre, por precisão,
Pra te olhar o passo atraza;
Quem sente frio se abraza
Depois que te tenha visto...
E queres, com tudo isto,
Que ninguém te arraste a aza?!

Teu lindo rosto mascára,
Seja isso lá como seja,
Para que assim ninguém veja
Tua formosura rara:
Olha, morena, repara
Que offuscas o sol e a lua;
Não lances olhada tua
Aos mirones cidadãos...
Tapa os olhos com as mãos
Quando saires á rua.

Ó anjo meu adorado,
Do que digo não te esqueças
Para que não endoideças
Quem caminha socegado:
Pra que feiticero olhado
Corações não ponha em braza,
A' tua bondade apraza
Em vez de á rua os trazers
Deixa teus olhos em casa.

VENANCIO.



Uma desillusão

Noticiam da America que o general Cronje, o heroe boer, que se exhibia na exposição de S. Luiz, nos simulacros de combates da guerra sul-africana, foi contractado para o mesmo fim, por dois emprezarios de New-York.

Temos a impressão de que a guerra sul-africana e o heroismo boer não foram afinal senão uma peça de grande espectáculo organizada por Buffalo-Bill.

E' uma grande desillusão para quem applaudiu — com as lagrimas nos olhos.





Oarivesaria e Relojoaria
com officina propria
de fabrico e
reparacoes

FLORINDO

JOIAS
COM
bilhantes

PREÇOS
Limitadissimos

99, RUA AUREA, 99



ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos

DE **MANUEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAIS CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A
(ANTIGA Calçada do Caldas
Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa



Peço a V. Ex.ª a fim de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

Companhia União Fabril
Rua 24 de Julho, 940
LISBOA

Recompensas obtidas em 1904 pelos seus productos

EXPOSIÇÃO DE S. LOUIS
O Grand prix
em velas e sabões, Grupo 23

Uma medalha d'ouro em adubos, Grupo 20

Uma medalha d'ouro em oleos e bagaços cumestiveis, Grupo 84

Uma medalha de prata em oleos não cumestiveis, Grupo 95

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DO PORTO
O 1.º PREMIO
Medalha d'ouro
Diploma d'honra em velas, sabões, oleos, etc.

Óleos de Pamistis, óleo, linhaça, purgativa, mentol e fenol

Sabões a Vapor para iluminação em todas as qualidades

Bagaços oleaginosos e Terras azules para engordar e sustento de gado.

Adubos Chímicos e Massas de Purgueira para todas as culturas.

A LUVA VERDE Chiado, 29

Os operarios luveiros em sociedade. Limitando-nos apenas a tirar as nossas ferias semanaes independente e o motivo pelo que podemos vender aos preços seguintes:

Luvas de pellica, 1.ª, 3 botões..... 380
" Suede, 1.ª, 3 botões..... 350
" á Inglesa, 1.ª..... 670
" " superior..... 750
" Inglesas importadas..... 1.ª 080

A LUVA VERDE Chiado, 29

SOUZA MARTINS
O livro **IN MEMORIAM**
Grande volume de cerca de 600 paginas
Collaboração de 55 distinctos escriptores

Adornado com o retrato de **SOUZA MARTINS**
e a reprodução «fac-simile» de uma carta inédita do grande homem de sciencia

A' VENDA
Preço 2\$000 réis

O producto da venda é applicado á compra de papéis de credito e o juro annual destinado a um premio que se ha de denominar **SOUZA MARTINS** e que será dado ao alumno mais distincto da Escola Medica de Lisboa

O resto dos volumes podem ser pedidos a
Casimiro José de Lima
P. dos Restauradores, 38
LISBOA

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e do Minho e Douro

Aviso ao publico

Por accordo entre as administrações combinadas é annullada, desde 1 de janeiro de 1905, a tarifa especial M. D. L. N. S. S. n.º 1 de grande velocidade, em vigor desde 10 de março de 1899, para o transporte de passageiros entre varias estações das linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro, via Lisboa—Barreiro.

Pela via Vendas Neves Setil são vendidos bilhetes directos e despachadas bagagens entre todas as estações das duas rédes peios preços das Tarifas Geraes.

Lisboa, 2 de dezembro de 1904.
O director geral da Companhia—Chapuy.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



CASA DAS TESOURAS
51 — R. da Escola Polytechnica — 55

Cabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000
Sobretudos de moda de 6\$000 a 25\$000
Gabões para senhoras e meninas de 4\$500 a 45\$000 réis.

CASA PORTUGUEZA
Papellaria e typographia

José Nunes dos Santos
Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephónico 230—Endereço telegraphico Papelltypo

PAPELLARIA **TYPOGRAPHIA**

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precizos nas escolas.

Trabalhos typographicos em todos os generos.
Impressões a cores, ou ro, prate e sobre setim.

Papellaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69
LISBOA

UM CONSELHO D'AMIGO

Uzae, se soffreis de qualquer das doencas abaixo innumeradas, o depurativo **Dias Amado** esse preparado cujos effectos tem assombrado milhares de doentes condemnados a soffrerem eternamente. Para que vos fique desde logo a convicção intima de que estaes em presenca do unico remedio que vos pode garantir uma cura e consequentemente a tranquillidade do vosso espirito e do de todos os membros da vossa familia—uzae como experiencia, apenas 3 frascos, que elles serão sufficientes para que encontreis o caminho rapido e certo do restabelecimento

Garantimos a vossa cura nas seguintes doencas: Utero e ovarios, tumores rheumatismo, syphillis, chagas, escrofulas, olhos, feridas e diabetes e em todas que provenham de impureza de sangue.

CHARUTEIRAS

Cigarreiras, tabaqueiras, oquilhas, cachimbos, etc.

Artigos de papellaria, publicações, aguas e jornaes.

Variado sortimento em bilhetes postaes illustrados.

Tabacos nacionaes e estrangeiros, das melhores procedencias.

55, L. do Conde Barão, 55 — Lisboa

TOSSES
Curam-se com as pastilhas peitoraes do Dr. Cruz. Preço de caixa 300 réis.

FRIEIRAS
Curam-se com o balsamo de Warrem composto. Preço do frasco 300 réis.

CALLOS
Extraem-se com o callicida de Cyrino. Preço do frasco, 200 réis.
Pharmacia C. da Silva, R do Distrito de Noticias, 113, Lisboa.

Deposito Geral—Pharmacia Ultramarina
RUA DE S. PAULO, 101, LISBOA
Preço de cada frasco, 1\$000 réis

VOLTA AO REINO



O FISCO — Tem alguma coisa a declarar?
O VIAJANTE — Tenho a declarar-me... saudosos!